

relacao familia e escola e a importância desta parceria na aprendizagem das crianças.

TAVARES, Renata Lúcia Freire¹

MELO, Adriana Cristina Cunha de²

SANTOS, Priscila Angelina Silva da Costa³

RESUMO

Atualmente a relação escola e família passam por várias divergências relacionadas ao papel que cada instituição precisa desempenhar dentro do processo educativo da criança. Dessa forma, o estudo aborda reflexões que busquem respostas para tais dúvidas, tendo como objetivo investigar qual a importância da parceria entre família e escola na aprendizagem das crianças. Por meio dos objetivos específicos buscou-se identificar o posicionamento dos pais em relação à escola, como ocorre a participação da família na escola analisada e quais as ações promovidas pela escola para a integração da família no processo de aprendizagem. Trata – se de uma pesquisa qualitativa, abordando o tema estudado, bem como na legislação em vigor, a fim de coletar informações que auxiliem na proposta de uma nova discussão. E por fim procurou – se compreender que o trabalho em conjunto das duas instituições (escola e família) é importante para o desenvolvimento da criança no processo educacional.

Palavra Chave: Relação escola e família; Criança; Aprendizagem;

1. INTRODUÇÃO

A relação entre escola e família enfrenta diversos desafios relacionados com o papel e responsabilidade que cada instituição possui na formação integral da criança. A partir de pesquisas bibliográficas em estudos sobre o tema, procura-se buscar caminhos e descaminhos que auxiliem na formulação de reflexões para que ocorra uma relação harmoniosa entre a instituição escolar e a família. A educação sempre ocupou um espaço importante na sociedade, na qual a escola e a família desempenham papéis fundamentais na transmissão dos conhecimentos. Entretanto, há muitos desafios em relação às responsabilidades que cada instituição possui no trabalho pedagógico. A política de participação dos pais é algo que

¹ Concluinte do curso de Pedagogia da UFPE. Email: rerrelu@hotmail.com

² Concluinte do curso de Pedagogia da UFPE. Email: adrianaccdm@gmail.com

³ Doutoranda em Educação pela UFPE/Mestra em Educação pela UFPE. Professora da Prefeitura do Recife. Formadora do CEEL (Centro de Estudo em Educação e Linguagem). Email: priscila.angelina@yahoo.com.br

intriga os profissionais da educação, já que se acredita que o bom desempenho escolar da criança está diretamente ligado à participação dos pais na vida escolar do indivíduo.

A escola sozinha não é capaz de solucionar os problemas sociais, ela contribui sim no processo de mudanças significativas para melhorias em nossa própria história, mas para que isso ocorra é importante esclarecer a importância da escola e a importância da família em relação à aprendizagem da criança, principalmente no que diz respeito à aquisição da leitura e da escrita. É muito comum se falar na relação família/escola e nas atribuições de cada um para formação da criança, mas pouco se discute em como a família pode contribuir com a aprendizagem de seus filhos quanto à alfabetização, etapa que é um marco muito importante na vida da criança. Assim “saber ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”, (FREIRE, 1996, p. 47).

Em seu conceito sobre educação Brandão (2003), reforça que a educação tem o papel de atender as necessidades do grupo social no qual o educando está inserido, ou pelo menos tentar. Assim, não existe modelo de educação, a escola não é o único lugar onde ela ocorre nem muito menos o professor é o seu único agente. Os indivíduos aprendem através de suas relações e interações com o meio no qual estão inseridos. A educação não tem ideias diferentes nem opostas, mas, interesses econômicos e políticos que se projetam sobre ela, pois, leva os seres humanos a realizar as suas potencialidades físicas, morais, espirituais e intelectuais (p.2).

E por fim, nesse sentido, a família nem sempre se encontra ausente e em muitos casos tem participação efetiva em todos os aspectos da vida escolar da criança, tanto no cumprimento das normas escolares, quanto no respeito para com o outro na sociedade e seu entorno. Em contrapartida se espera da escola a continuação da formação do processo educacional no que diz respeito aos princípios morais, desenvolvimento de competências e habilidades e apreensão de conteúdos culturais e sociais.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 - A família e o processo de aprendizagem

A família tem sido e é a influência mais poderosa no desenvolvimento da personalidade e na formação da consciência da criança. Durante a vida escolar da criança, desde a pré-escola até séries mais avançadas, existem determinantes que podem influenciar significativamente o seu rendimento, bem como o desenvolvimento de sua moralidade. Dentre outros, destacamos o papel da família no acompanhamento do desempenho junto às manifestações mais comuns, caracterizadas como formas de participação na vida escolar dos filhos. Os primeiros laços afetivos são dados à criança pela família é ela que faz as primeiras higiênes, a primeira alimentação e entre outros encontros relacionais de apoio e segurança. (SILVA, 2012, p.11).

É bastante nítida nesses documentos (abaixo), a importância da família para a educação da criança, contudo as responsabilidades não pertencem só a ela, mas também ao Estado, portanto essa parceria é inevitável, não pode existir escola sem família e nem família sem escola.

Alguns documentos que se referem à relação família - escolas são:

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) N° 9.394/96, especificamente o artigo 2º, assegura: “A educação é dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho”.

O art. 226, da Constituição da República Federativa do Brasil (1988) diz que: “a família, base da sociedade, tem especial proteção do Estado”. O art. 19, da Lei 8.069/90 dos Direitos Fundamentais, diz que “toda criança ou adolescente tem direito de ser criado e educado no seio de sua família e excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de entorpecentes”. (BRASIL, 1996).

Já O Estatuto da Criança e do Adolescente, consagra em seu artigo 19 que *toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio da sua família.*

A família desempenha um papel de grande importância no desenvolvimento do indivíduo, já que será a principal transmissora das condutas e valores que permearão o comportamento do ser que com ela convive. (SILVA, 2012, p.12).

2.1.1 - O Papel da escola: o que as famílias esperam dela?

A escola como instituição formal pode possibilitar ao aluno uma aprendizagem relacionada à transmissão de conhecimentos e oferecer condições necessárias para formar um cidadão crítico e pensante capaz de atuar de forma positiva na sociedade, educando assim para a vida. Os pais esperam que as escolas orientem, instruem, valorizem os alunos, para que estes se sintam num ambiente que seja acolhedor, estruturado de forma amparada e confortavelmente e que sejam estimuladas para uma aprendizagem que complemente os seguimentos de sua casa e com capacidade de preparação para uma sociedade justa e humana, com novas experiências de caráter educacional, no que diz respeito aos novos conhecimentos. (SILVA, 2012, p.12).

A escola deveria ser para o povo uma doação do Estado, porém o povo teve que a conquistar de forma lenta e progressiva, lutando pela democratização do saber como também da escola. Assim, a escola não existe de forma suficiente para todos. A escola brasileira é destinada para o povo com o objetivo de compreender os problemas educacionais das camadas populares, porém estes não estando preparados para tanto são discriminados, pois, ela atua como uma instituição dominante a serviço do capitalismo assumindo e valorizando sempre a classe dominante. O aluno que não se enquadra a seus padrões culturais é visto de forma excluída, e tem ignorado por ela seus próprios padrões. (SOARES, 2003, p.10).

Para Romanelli (2013), as mudanças no sistema de ensino levam a escola a interferir em domínio da atuação familiar, redefinindo a divisão do trabalho entre ambas. Nota – se, que cada vez mais, a atuação de profissionais como psicólogos e outros agentes educacionais tem o propósito de oferecer e orientar as famílias, visando o sucesso escolar dos filhos e interferindo inclusive na dimensão afetiva das relações entre estes e seus pais (p. 38/39).

A escola precisa utilizar todas as oportunidades de contato com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, recursos, problemas e também sobre as questões pedagógicas. Só assim, a família irá se sentir comprometido com a melhoria da qualidade escolar e com o desenvolvimento de seu filho como ser humano. Diante de tais comentários podemos supor que quanto mais a família participa, mais eficaz é o trabalho da escola, pois dessa forma, cada um se dedicará às suas atribuições. (PARO, 1997, p.30).

Podemos perceber a ansiedade dos pais e a angústia dos professores diante das dificuldades provenientes das situações corriqueiras no que diz respeito à formação e à informação das crianças em sala de aula. São visíveis as dificuldades da escola ao se deparar

com esse novo modelo de aluno, como também, os pais acreditam que o remédio está por vir de ações organizadas pela escola. Segundo Chraim (2009):

O papel que a escola possui na construção dessa parceria é fundamental, devendo considerar a necessidade da família, levando-as a vivenciar situações que lhes possibilitem se sentirem participantes ativos nessa parceria. (CHRAIM, 2009, p.9).

Tanto a família como a escola precisa assumir o compromisso com a tarefa de alfabetizar, ambas podem ter atividades diferentes, porém mesmo não percebendo o que lhes movem, ou seja, o carro condutor é alcançarem o mesmo objetivo que é o bom desenvolvimento da criança quanto a sua aprendizagem.

2.2 - O processo de alfabetização.

Quando se pensa em aprendiz, está se falando de sujeito que tem clareza de ser dele o movimento de aprender – eu aprendo – no entanto, para apropriar – se do que a humanidade já produziu, precisa do olhar atento e a mediação competente dos educadores que estão em sua jornada, quer sejam seus educadores ou seus familiares.

O conceito de alfabetização, bem como o modo de processá-lo, vem-se modificando desde a década de 80. A criança se alfabetiza participando de verdadeiros atos de leitura como: escutando histórias lidas, reproduzindo a história em voz alta, “relendo-a” e reconhecendo aqui e ali uma palavra do texto. Também “lendo” histórias em livros e revistas, mesmo não sabendo decodificar os escritos, mas sendo auxiliada pelas imagens e uma ou outra palavra reconhece.

Desde muito cedo, as crianças já convivem com a língua escrita no seu dia-a-dia. Essa convivência faz com que elas elaborem estratégias de compreensão e apropriação do sistema da escrita. Se a criança for levada a entender que a escrita é apenas a transcrição de sons em letras, ela considerará a aprendizagem da escrita como aquisição de uma técnica. Por outro lado, se entender que a escrita é um sistema como aquisição da língua, sua aprendizagem se voltará para um conhecimento novo. (PAROLIN, 2012, Revista Aprendizagem, p.18).

Uma das pesquisadoras mais importantes deste tema é a psicóloga e a psicolinguista argentina Emilia Ferreiro que concentra suas pesquisas na observação da construção da linguagem escrita, percebendo que a criança tem papel importante na construção do seu próprio conhecimento.

Segundo Ferreiro (1986), a criança trabalha cognitivamente, isto é, procura compreender desde muito cedo informações das mais variadas procedências: os próprios textos nos respectivos contextos em que aparecem como: embalagens, cartazes de rua, tevê, peças de vestuário, assim como livros e periódicos, informação específica destinada às crianças, como por exemplo, alguém lê uma história para elas, diz-lhes que esta ou aquela forma é uma letra ou um número, escreve seu nome para elas, etc. informação obtida através de sua participação em atos sociais dos quais fazem parte o ler e o escrever. Provavelmente, é através de uma participação ampla e firme nesse tipo de situações sociais que a criança chega a entender alguns usos sociais da escrita (p.98).

Visando esse contexto acima citado a alfabetização é uma etapa muito importante na vida das crianças, por isso o professor deve estar atento a cada aluno, levando em conta que nem todos eles estão no mesmo nível de compreensão, nos levando a refletir que é necessário planejar e buscar a melhor forma de atender as necessidades de todos. Pois, o papel do professor é de extrema importância no processo de alfabetização dos alunos, sua ação reflete no bom desenvolvimento da criança, um professor comprometido, que trabalha de forma que leve ao conhecimento da escrita e da leitura busca despertar o aprendizado por prazer e não por obrigação terá muito mais facilidade em alcançar seus objetivos.

3. METODOLOGIA

A fim de almejarmos o objetivo traçado, realizamos uma pesquisa de cunho qualitativo, com o objetivo de investigar a parceria entre família e escola e a sua importância na aprendizagem de três alunos numa turma de 1º ano do ensino fundamental.

Desse modo, para o trabalho de campo, utilizamos como métodos de coletas de dados: a observação que segundo Minayo (2011), é muito importante para a pesquisa qualitativa, pois através dela, o observador se relaciona diretamente com os sujeitos da pesquisa colhendo dados, aprendendo a se colocar no lugar do outro e a não fazer julgamentos; as visitas possibilitaram o desenvolvimento de conversas informais e as entrevistas que segundo o referido autor é uma conversa entre dois ou mais sujeitos que o entrevistador inicia procurando obter informações favoráveis ao objeto de pesquisa. O trabalho de campo permite a aproximação do pesquisador da realidade sobre a qual formulou uma pergunta, mas também estabelecer uma interação com os atores e a realidade e, assim, constrói um conhecimento empírico importantíssimo para quem faz pesquisa social (p. 14).

A pesquisa foi realizada com três alunos da turma do 1º ano do ensino fundamental, na Escola Municipal Otoniel Lopes, onde atualmente abrange as classes do 1º ao 5º ano, funcionando em dois turnos, situada na Avenida Tiradentes, s/nº no Município de Moreno. A escolha das crianças aconteceu através das disponibilidades das famílias em nos receber, pois alguns pais trabalham e ficou impossível de conversarmos. Assim, realizamos observações de aula, das casas, entrevistamos a professora, a gestora, a coordenadora, as três crianças da turma e os seus responsáveis. Conforme o quadro de perfil dos participantes abaixo.

Quadro 1 - Perfil dos alunos escolhidos para a pesquisa

Nome das crianças	Idade	Nome dos pais	Com quem mora	Religião	Idade dos pais	Formação
Pedro	6	Leide	Mãe, padrasto, irmão gêmeo e 5 irmãs	Católica	39	X
Igor	6	Nete	Pai, mãe e 4 irmãos	Evangélica	38	X
Rafael	7	José	Pai, madrasta e 1 irmão	Católica	40	X
Nome dos pesq. na escola	X	X	X	X	X	X
Profª Joanita	39	X	X	X	X	Pedagogia e pós em psicopedagogia.
Gestora Célia	40	X	X	X	X	Pedagogia e pós em gestão

Para obtenção das informações, valemo-nos dos seguintes procedimentos metodológicos: entrevistas, observação, registro e análise de aulas e sondagem da escrita dos alunos junto à entrevista com as famílias das crianças escolhidas, com a intenção de observar as ações em sala de aula e a relação familiar. Optamos por preservar os nomes dos participantes da pesquisa e todos que foram mencionados acima encontram – se com nomes fictícios.

A observação foi desempenhada na escola, em sala de aula, durante quatro encontros e registrada por meio de anotações, onde coletamos dados através da entrevista com a professora e gestora buscando analisar a participação e rendimento dos alunos e o cumprimento dos objetivos do PPP (Projeto Político Pedagógico) da escola.

As visitas e as entrevistas com as famílias foram feitas em suas residências que aconteceram durante dois encontros com cada família.

As análises foram realizadas com embasamentos teóricos, com os dados coletados nas observações nas casas, na sala de aula e nas entrevistas. Procuramos analisar se houveram e quais foram às práticas da família que envolveu o aprendizado dos alunos pesquisados, e quais as práticas em sala de aula que contribuíram ou dificultaram este aprendizado e quais as ações promovidas pela escola para atrair e integrar essas famílias no processo de aprendizagem das crianças. Por fim procuramos fazer uma conexão entre a família e a escola analisando os dados referentes aos vários aspectos que envolveram estas dimensões.

4. OBJETIVOS

4.1 - Geral:

Investigar a relação família e escola e a sua importância na aprendizagem dos alunos do 1º ano.

4.2 - Específicos:

- Investigar as ações promovidas pela escola para atrair e integrar a família no processo de aprendizagem dos alunos;
- Observar as ações em sala de aula;
- Identificar as práticas da família que envolve o processo de aprendizagem das crianças;

5. ANÁLISE DOS DADOS

Apresentaremos agora um pouco das três crianças pesquisadas, onde mora, sua rotina, buscando entender o ambiente que cada uma convive além da escola e como tal lugar também contribui para aprendizagem.

5.1 - O contexto da família e da criança

Pedro e sua grande família

O aluno Pedro tem 6 anos, concluiu o 1º ano em 2014, na Escola Otoniel Lopes e faz reforço numa creche do bairro. Ele tem um irmão gêmeo, Paulo, que por pedido da gestora da escola, desde a metade do ano, ficou na sala da educação infantil, porque segundo ela, juntos, eles davam muito trabalho quanto ao comportamento e em relação à aprendizagem. Paulo teria mais dificuldades, mas em nossas observações constatamos que ambos têm a mesma dificuldade quanto à escrita e a leitura. Pedro tem mais cinco irmãs, por parte de mãe, uma de quatro anos que está na educação infantil, uma de oito anos que vai fazer o 4º ano, uma de nove anos que vai fazer o 5º ano, uma de 11 anos e outra de 12 anos, ambas vão fazer o 7º ano e são as únicas alfabetizadas na casa, os pais e a avó materna são analfabetos. Com exceção das duas irmãs mais velhas, todos estudam na mesma escola.

O local onde Pedro mora com a família é uma espécie de sítio, tem muito espaço em volta da casa que até pouco tempo era de taipa, mas o pai conseguiu fazer uma casa de alvenaria com o dinheiro da venda de alguns lotes do seu sítio, ao todo são seis as casas construídas nos lotes que ele vendeu. A família é bastante humilde, sua renda é através de “bicos” que o pai faz, da aposentadoria da avó materna, bolsa família e recebem doações, pois está desempregado e a mãe também não trabalha.

As contribuições da família quanto ao desenvolvimento da escrita de Pedro acontecem através da ajuda das irmãs mais velhas, que passam atividade para ele copiar no caderno, pois a mãe diz o seguinte sobre as atividades de casa e de classe:

“Atividade de casa, ela não manda não, porque ele não sabe copiar do quadro e elas não passa tarefa no caderno pra eles fazê em casa, nunca chega tarefa de casa.”
(Leide, mãe de Pedro. Visita dia: 16/12/14).

“Da classe eu dizia: o que fez hoje na escola? Ah! A gente só brinco e na hora da merenda, merendo, caderno e livro e nada tinha. Agora seu Bibiu

(reforço) ele pega de 7 horas da manhã, no máximo 8 horas, aí fica até 11 horas, 11 e 10, aí vem almoçado de lá, aí traz algumas atividades e feito em casa. Da escola eles praticamente não traz não, nunca traz.

(Leide, mãe de Pedro visita dia: 16/12/14).

A mãe relata o questionamento que faz para as professoras e a resposta delas:

“Oh, porque eles não traz tarefa pra casa?” Porque ele não copia do quadro, aí pra gente passar a limpo no caderno de todos eles é dificultoso”.

(Leide, mãe de Pedro visita dia: 16/12/14).

Quanto à aprendizagem segundo a mãe, Pedro não sabe nada, como podemos ver na entrevista que fizemos com ela, ao questionarmos sobre relação à aprendizagem do filho durante o ano na Escola Otoniel Lopes:

“Não, nada, aprendeu mais alguma coisa no reforço do seu Bibiu, porque lá mesmo ele não aprendeu, mas também nem teve como ele aprender, porque falta professor mais do que tudo. A professora vem aí simplesmente no outro dia diz, eu não aguentei essa turminha e não vem mais, não dá nem o comparecer, aí fica lá Ride (gestora da escola), muitas vezes ficou lá na secretaria e em duas salas de aula, não, não pode, aí não tem nem como o aluno pegar o afeto pela professora e nem a professora pegar o afeto com aquela criança nem como um respeitar o outro, aí não aprenderam nada, aprenderam assim um pouquinho não foi muito, nem escrever o nome eles não sabe, aprendeu só um pouquinho assim, o a e i o u e só em seu Bibiu porque lá mesmo não aprendeu nada.”

(Leide, Mãe de Pedro visita dia: 16/12/14).

A fala da mãe de Pedro retrata a insatisfação da mãe em relação ao ano letivo de 2014 na Escola Otoniel Lopes, devido às constantes trocas de professores que houve, dessa forma interferindo na aprendizagem dos alunos, especialmente seu filho. Vendo a necessidade de colocar o filho em um reforço escolar no horário da manhã. Na casa de Pedro observamos que não havia muito material escrito que pudesse propiciar o aprendizado da leitura e da escrita, na parede havia apenas um calendário, no quarto alguns livros e cadernos de anos anteriores.

O debate sobre a qualidade se evidencia nas leis, conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica de qualidade é um direito assegurado pela Constituição Federal e pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. O Plano Nacional da Educação (PNE), *nova lei que traça objetivos para o ensino no Brasil de 2014 a 2024* em sua meta 7, pretende fomentar a qualidade da educação básica em todas as etapas e modalidades, com melhoria do fluxo escolar e da aprendizagem de modo a atingir melhores médias no IDEB (Índice de desenvolvimento da Educação no Brasil).

Mas na prática o quesito qualidade não faz parte da rotina de muitas escolas públicas brasileiras e nem de muitas famílias como a de Pedro que vêem a necessidade de um reforço extra para a possível garantia da aprendizagem dos filhos, seja ele particular ou gratuito. Mesmo sendo uma família com muitas dificuldades, a família se preocupa em investir na educação dos filhos através do reforço escolar.

Em relação ao comportamento do filho, a mãe diz:

“Várias vezes a professora chama na escola pra chamar atenção e dizer pra não deixar Pedro junto com um colega da sala.”

(Leide, Mãe de Pedro visita dia: 16/12/14)

Diante dessa fala percebemos que a mãe demonstrou certo incômodo ao serem chamada na escola várias vezes para receber reclamação sobre o filho, como esclarece Paro (1997), ao afirmar que a família pode se sentir comprometida com o desenvolvimento do seu filho, se a escola utilizar oportunidades de contatos com os pais, para passar informações relevantes sobre seus objetivos, não só os problemas, mas também as questões pedagógicas.

Para a mãe não há o que ela possa fazer como diz na seguinte fala:

“Como eu posso separar duas crianças de seis anos, que estudam no mesmo horário, na mesma sala, separar um do outro, não tem como né? Muitas vezes eu puxei a orelha dele, até na sala de aula mesmo, e disse não se ajunte com o colega, tudinho, até doeu no meu coração, porque ele é uma criança e o colega também é uma criança, né? E ele tem saúde e o colega também tem saúde, não tem nenhuma doença contagiosa, só é assim, virado né, mas os meus são virados também.”

(Leide, mãe de Pedro visita dia: 16/12/14)

Na fala da mãe, percebemos algumas dificuldades da professora com relação à indisciplina, necessitando assim da ajuda da mãe, que parece não saber muito que fazer. Os relacionamentos interpessoais não são fáceis e o relacionamento professor-aluno é um deles, cabe ao professor e a família tentar buscar novas formas de lidar com esses alunos. Diante desses fatos podemos perceber que o aluno Pedro é um menino que tem dificuldade no processo de leitura e escrita e demonstra alguns problemas de comportamento na escola, como vimos em nossas observações. Mas, em casa é obediente a mãe, embora aparentemente não haja muita cobrança da mãe quanto à aprendizagem.

Concluimos que com uma ação conjunta entre a mãe e professora é possível fazer com que Pedro venha obter êxito em no processo de aprendizagem e também uma melhora no

comportamento, através de conversas sobre o pedagógico, buscando incentivar a criança com atividades que despertem seu interesse. Segundo Libâneo (2002):

O professor precisa aprender a vincular o trabalho que se faz na sala de aula com as vidas que os alunos levam fora da escola e com as diferentes capacidades, motivações, formas de aprendizagem de cada um. (LIBÂNEO, 2002, pág.40).

A presença do professor na sala de aula é muito importante, por isso, na alfabetização é necessário que apresente qualidades como dedicação, paciência e afeto e para se construir esse afeto, o professor deve conhecer os alunos, sua família, a comunidade, mas devido à freqüente troca de professores, essa relação entre professor/aluno foi prejudicada. Essa situação com certeza influenciou negativamente na aprendizagem e no comportamento do aluno.

Rafael: uma criança, duas escolas.

O aluno Rafael tem sete anos e concluiu o 1º ano em 2014, na Escola Otoniel Lopes, já saber ler e escrever e tem um irmão com 11 anos que vai fazer o 7º ano. Ele mora com o irmão, o pai e a madrasta. Rafael estuda os dois horários (manhã e tarde). Pela manhã ele estuda em uma escola particular e à tarde na escola do municipal. O pai disse que o matriculou nas duas escolas para que ele não fique pela rua e também para aprender, pois na opinião do pai só a escola pública não seria suficiente para a aprendizagem do filho, especialmente neste ano de 2014, devido a todos os problemas que houve greve, troca de professores e uma doença que o afastou da escola por dois meses. O dia do menino é muito corrido, pois ele chega da escola e só tem tempo para tomar banho e almoçar.

Rafael mora no mesmo bairro da escola pública, não fica longe, mas sobe uma ladeira de barro, a casa fica numa invasão batizada de “alto do catita”.

A renda da família vem da aposentadoria por invalidez do pai, da bolsa família e também recebe ajuda da mãe dos meninos. Quanto à participação do pai no processo de aprendizagem, o pai diz que está sempre olhando os cadernos de casa e de classe e questiona quando não tem nada no caderno, mas isso só acontece às vezes com o caderno de casa da escola Otoniel Lopes.

E diz o seguinte quando questionado sobre a tarefa de casa:

“Passaram coisas, tinha coisa correta, mas tinha coisa, eu já peguei, sem mentira, um papel desse tamanho com coisa pra cobrir, o menino na 1ª série, cobrindo? Quer dizer querendo ou não tem que se dedicar.” (Fala do pai de Rafael visita dia: 18/12/14).

Mesmo sem compreender sobre os conceitos de alfabetização e letramento, o pai de Rafael percebe que a atividade de cobrir passada para o filho, não é a ideal, nós educadores, sabemos que a alfabetização não é apenas um processo em que se memorizem as letras e símbolos, é necessário que se compreenda o sentido desses símbolos. O processo de alfabetização da criança, segundo a perspectiva apresentada por Ferreiro (2004), ressalta que a escola precisa estimular sempre o aluno para que possa aprender de forma significativa integrando o conhecimento espontâneo da criança ao ensino, dando-lhe maior significado e ensinando na perspectiva do letramento.

O pai diz que às vezes vai tarefa de casa, mas muitas vezes ele não considera que sejam atividades referentes à série do filho. Os exercícios citados pelo pai, de cobrir linhas pontilhadas são usados, principalmente, para desenvolver a coordenação motora fina, mas esta pode ser trabalhada de forma mais inovadora, que atinja maior interesse das crianças, geralmente é trabalhado na educação infantil. No caso de Rafael entende-se a indignação do pai, o filho dele já está alfabetizado. Assim, quando questionado sobre o desenvolvimento do filho na escola pública o pai diz:

“Não teve planejamento pedagógico, não tem nem como cobrar, esse menino teve uma faixa de seis a sete professores, ele ficou dois meses afastado por motivo de doença, só teve uma professora que quando botou essa criança em ordem, botou a sala em ordem, uma professora que conseguiu deixar Pedro e Paulo sentados, tá de parabéns. Quando Geni conseguiu colocar esse menino em ordem, tiraram ela.”

(José, Pai de Rafael visita dia: 18/12/14).

O pai é bastante questionador e atribui o fracasso da aprendizagem à escola, podemos constatar nas próximas falas seguintes:

“É o descomprometimento com a educação que é muito grande.”

“Professor queira ou não tem que se dedicar, falta empenho dos professores, olha que eu vou na escola, eu sou chato, tudo o que é de coisa eu procuro dele, só que eu vejo falta de empenho.”

“As mães também não liga só quer saber de bolsa família, essas coisas, recebendo tá bom demais, aí fica nessa, o menino não aprende nada”.

(José, Pai de Rafael visita dia: 18/12/14).

O pai de Rafael é o que mais participa da vida escolar do filho, procura a escola com frequência e até se reconhece chato pelo fato de estar sempre procurando a escola e fazendo questionamentos quanto ao que não lhe agrada e cobrando e exigindo empenho do filho, da escola e dos professores. Além de questionar a falta de comprometimento dos professores, o pai também compartilha da opinião que muitas mães não se interessam pela aprendizagem dos filhos, se preocupando apenas com a frequência do aluno por conta da bolsa família. Sobre o comportamento do filho, diz o seguinte:

“Na sala uns professoras falam bem, outras falam mal, teve uma professora que chamou esse menino de “sal do inferno”, oh prai, e é irmã viu! Olhe a vó queria brigar, aí eu falei não deixa, aí falei, aí fizeram o remanejamento da professora”

(José, Pai de Rafael visita dia: 18/12/14).

É necessário muito cuidado ao se referir ao aluno, evitando os rótulos, pois quando adjetivos negativos são usados, pode trazer problemas ainda maiores no comportamento da criança. Conforme fala Paulo Freire (1996), “às vezes, mal se imagina o que pode passar a representar, na vida de um aluno, um simples gesto do professor” (p. 47).

Rafael é um menino considerado inteligente e esperto, já sabe ler e escrever com certa fluência, mas sofre muitas cobranças do pai, que é muito exigente, embora participativo. Estudar em duas escolas embora possa contribuir com a aprendizagem, pode ser muito sacrificante para a criança. Na casa de Rafael, além do incentivo do pai, tem alguns livros didáticos e alguns gibis que parece possibilitar o aprendizado da leitura e da escrita.

Igor: a ausência do lápis

O aluno Igor tem seis anos e concluiu o 1º ano em 2014. Ele mora com os pais e quatro irmãos, uma menina com dois anos que não estuda e uma menina de quatro anos que está na educação infantil, uma com nove anos que vai fazer o 5º ano e um menino com 11 anos que vai fazer o 7º ano. A mãe estudou só até a 5ª série e é alfabetizada, já seu pai é analfabeto, a irmã de nove anos já estava alfabetizada desde o 2º ano e o irmão que irá fazer o 7º ano

também é alfabetizado. A mãe não trabalha e o pai está desempregado, a renda da família, no momento é só a bolsa família, alguns bicos que o pai faz e a ajuda de familiares. A família é bastante humilde e as crianças passam por muitas privações. A mãe de Igor não falou muito e nem permitiu a gravação por se tímida, estava com muita vergonha na hora da entrevista, por isso não fizemos muitas perguntas e não demoramos em sua casa.

A casa da família é bem humilde, tem uma sala, uma cozinha, dois quartos e um banheiro e fica próximo da casa de Pedro, o acesso não é ruim e não fica longe da escola. Em nossas observações na sala de aula, vimos que Igor não tirava o caderno da bolsa porque dizia que não tinha lápis. Mas, segundo a mãe, ele tem os materiais escolares. Igor em nenhum momento foi questionado durante nossa observação na sala de aula pelo fato de não ter feito a tarefa pela falta do lápis nessa situação como a descrita acima, explica-se o fato de acontecer isto com frequência, pois ele dizia que não tinha lápis, a professora dizia que não tinha pra dar e assim, ele não fazia a tarefa e nem era cobrado.

Perguntamos então a mãe de Igor se ele fazia a tarefa de casa e se ela tinha o costume de olhar os cadernos dele:

“Eu olho o caderno às vezes, mas nunca tem tarefa e quando tem eu não entendo quase nada, eu acho que ele não copia direito aí eu não entendo nadinha”.

(Nete, mãe de Igor visita dia: 19/12/14).

Mas tal situação não a mobiliza a ir à escola:

“Eu só vou na escola quando a professora ou a diretora manda chamar pra reunião ou pra reclamar de Igor, do comportamento dele na sala, e aí eu vou lá pra ouvir ela reclamar e aí eu ponho ele de castigo e digo pra não fazer mais bagunça”.

(Nete, mãe de Igor visita dia: 19/12/14).

Percebemos que a mãe de Igor não gosta muito quando é chamada na escola só para ouvir reclamação do filho, assim como as outras famílias ela falou sobre a constante troca de professores e salientou o quanto esse fato atrapalhou o desenvolvimento do filho. Ela diz que os filhos mais velhos não tiveram tanta dificuldade quanto Igor e ela acha que o que atrapalhou mais foi os problemas com os professores e a greve, mas que também sabe que o

comportamento dele dificultou a aprendizagem, que ele é muito preguiçoso e vai atrás dos outros.

Como já dissemos anteriormente, é muito importante que haja a participação da família no contexto escolar dos filhos, de forma a contribuir com o trabalho realizado na escola, pois embora seja da escola a responsabilidade de ensinar as crianças a ler e a escrever, a família pode contribuir com este processo até mesmo antes da criança entrar na escola, através de exemplos e de incentivo à leitura, buscando manter a criança em meio a situações de escrita e leitura através de vários meios, como afirma Ferreiro, (1986), a criança trabalha cognitivamente, isto é, procura compreender desde muito cedo informações das mais variadas procedências, os próprios textos nos respectivos contextos em que aparecem.

Assim, a mãe com a ajuda da escola pode contribuir com a aprendizagem do filho tentando incentivar através de recursos que tem em casa como livros velhos, revistas em quadrinhos. Igor é um menino meigo, embora seu comportamento não seja de um “bom” aluno, por não fazer as atividades e ficar brincando, mas acreditamos que através de acompanhamento uma professora que permaneça com a turma durante o ano inteiro e com uma boa interação dessa professora com a família, o aluno pode obter melhoras tanto no comportamento como na aprendizagem. A escola apoiada por políticas públicas como o PNAIC (Pano Nacional de Alfabetização na Idade Certa) vem tentando resolver as dificuldades da alfabetização nas séries iniciais, assim pode orientar a família para que a mesma possa contribuir com essa aprendizagem.

5.2 – E na escola o que acontece?



A escola fica situada na avenida principal do bairro, onde atende a uma comunidade de classe baixa, a estrutura da escola é acolhedora e limpa.

“... Agora minha gente eu acho que o Otoniel Lopes, esses meninos, tem escola que dá mais trabalho que a nossa, quando as pessoas vêm da Educação, eles dizem a de vocês não tá tão ruim não, tanto na aparência como no comportamento dos meninos, porque diz que tem escola que fica os meninos pelo corredor, voando as coisas, os meninos daqui não tem isso.”

(Gestora Célia, visita dia 09/12/14).

A fala da professora em relação às condições da escola expõe que o Município tem enfrentando problemas como falta de material, demissões, salários atrasados, greve, paralisações, enfim, justificativas dadas pela gestora para explicar o fato de tantas mudanças de professores na turma e pelas dificuldades encontradas para a aprendizagem dos alunos.

Durante nossas quatro observações com a turma escolhida para nossa pesquisa, podemos observar que a sala tem um tamanho médio mas, não é arejada, tem um quadro de giz, segundo a professora até haveria a possibilidade de se colocar um quadro branco, mas assim as professoras teriam que comprar os pilotos do próprio bolso, pois a gestora durante nossas conversas relatou que o município passava por dificuldades financeiras. Na parede tem alguns cartazes, há duas televisões que não funcionam, a sala fica trancada por um trinco para as crianças não saíam a qualquer momento sem a autorização da professora, não há recreio, as crianças pegam a merenda em fila e vão para sala. A turma é composta por 25 alunos, 14 meninos, sendo um especial e 11 meninas. Não tem auxiliar, perguntamos a professoras se essas dificuldades do contexto era o que prejudicava o rendimento dos alunos e ela nos relatou que o rendimento dos alunos era baixo devido à indisciplina.

Durante nossas visitas, observamos que quatro alunos inquietos, entre eles estavam Pedro e Igor, que costumam circular na sala de aula e dispersar-se durante as explicações da professora, como também na maioria das vezes não trouxeram nenhum material escolar na mochila. Perguntamos a professora o porquê desses quatro alunos não se integrarem as aulas ela nos falou que desde o seu início com essa turma eles nem tiram os cadernos das bolsas e só ficaram perturbando outros alunos, atrapalhando a aula, mas a professora não questionou o fato deles estarem sem fazer nada e também pareceu não se preocupar em saber o porquê de estarem sem material nas mochilas. E assim seguiu a aula até o final.

Quando chegam a casa e os pais perguntam o que fizeram na escola eles dizem que não fizeram nada, como podemos rever na fala da mãe de Pedro:

“Da classe eu dizia: o que fez hoje na escola? Ah! A gente só brincou e na hora da merenda, merendo, caderno e livro e nada tinha.
(Leide, mãe de Pedro visita dia 16/ 12/ 14).

Quando os alunos não fazem a atividade, é importante que tanto a professora como a mãe investiguem os motivos que os levam a cruzar os braços diante de determinada atividade. Ambos devem demonstrar por meio de suas ações que o aprendizado pode ser agradável, despertarem na criança o desejo de aprender, dar atenção.

A relação professora-aluno poderia ser melhor se não fosse pelo fato de ter assumido essa turma há pouco tempo, aproximadamente um mês após terem passado cerca de oito professoras pela turma durante todo ano letivo, essa turma é considerada difícil, quanto ao comportamento. Percebemos que a professora demonstra estar muito desmotivada, cansada e não gostar da turma, durante as observações e entrevista questionou muito o comportamento de alguns alunos. Em algumas de nossas conversas percebemos inúmeras contradições entre seus pensamentos com relação aos alunos e as respostas que os pais nos deram durante nossas visitas, como por exemplo, quando disse em uma de nossas conversas que:

“quando chamava os pais eles compareciam e se prontificavam em conversar com os filhos para resolver o problema de indisciplina, porém no outro dia os meninos faziam a mesma coisa”
(...) (fala de Joanita Professora).

Já quando falamos com o pai de Rafael ele nos disse que:

“a professora não tem pulso para os alunos e que dentre as 10 professora que uma delas a Gení conseguia manter a sala em ordem”
(...) (fala do pai de Rafael).

Podemos perceber que a mudança constante de professores durante o ano letivo, prejudicou a turma em todos os sentidos, quanto à aprendizagem, o comportamento e a falta de afetividade pelos professores e entre eles próprios, pelo pouco tempo que cada professora ficou com a turma, cabem ao professor criar um ambiente que reúna elementos motivadores em que a criança sinta prazer na realização das atividades, mas percebemos que a professora também precisa ser motivada, o que comprovamos na sua fala:

“Pra eu falar dessa turma hoje é um pouco complicado, porque foi menos de 30 dias que fiquei com ela, eu sei que aconteceram

muitas coisas, tipo, de entra professor, sai professor e a rotina deles, né, rotinas e regras acabou eu observo, que por eles mesmos fazendo as próprias regras e as próprias rotinas de tanto entrar e sair professor”.
(Professora Joanita, visita dia 12/12/2014).

QUADRO 2 - Posicionamento da professora com relação aos alunos pesquisados:

<p>Aluno Igor</p>	<p>“não tem interesse, a tarefa de casa vai e volta do mesmo jeito, muitas vezes nem tira o caderno da bolsa para fazer a tarefa de classe. Já dei aula para a irmã dele e ela é totalmente diferente, é interessada. A mãe sempre vem quando é chamada e diz que vai conversar com ele”.</p>
<p>Alunos Pedro</p>	<p>“eu tive muito pouco contato com o aluno Pedro, mas ele também é um menino com problemas na aprendizagem e no comportamento. A mãe também vem à escola quando é chamada. O aluno Pedro tem um irmão gêmeo Paulo que está na mesma série, mas a pedido da gestora da escola, ele ficou na turma da Educação Infantil por ser considerado muito “fraco”, quanto à aprendizagem e também para ser separado do irmão, já que os dois juntos tinham um comportamento pior”.</p>
<p>Aluno Rafael</p>	<p>“O aluno Pedro Rafael é inteligente, assimila bem, mas costumo dizer que ele é “um gato”, dá o bote e esconde a unha, mexe com os colegas escondido e finge que não fez nada. O pai não sai da escola todos os dias eu vejo o pai e quando digo a ele a situação, ele diz que vai tomar providências”.</p>

Nos depoimentos acima identificamos uma atenção redobrada ao comportamento, deixando de lado o principal a aprendizagem, ou seja, um jogo de empurra, uma troca de papeis, a escola está cobrando da família uma responsabilidade que é sua, como alfabetizar as crianças e contribuir na formação de sujeitos críticos e pensante.

Percebemos que para a professora a culpa da não aprendizagem dos alunos é a indisciplina, e responsabiliza os pais por isso, pois para ela é muito importante, é a educação caseira. Mas em contra partida, os pais rebatem esta culpa para a escola, justificando a não aprendizagem dos filhos, devido aos problemas da escola e ao descompromisso de algumas professoras. Quando se fala em fracasso escolar, começa então a busca de culpados e todos viram alvo dessa culpa, alunos, família e escola, mas procurar culpados não resolve o problema, ao invés de haver conflitos entre professores e pais, onde cada um atribui ao outro a responsabilidade de um fracasso escolar, podemos buscar o entendimento, o respeito mútuo e a compreensão na qual a criança seja a maior beneficiada.

5.3 - O aluno como sujeito da aprendizagem: entre a família e a escola.

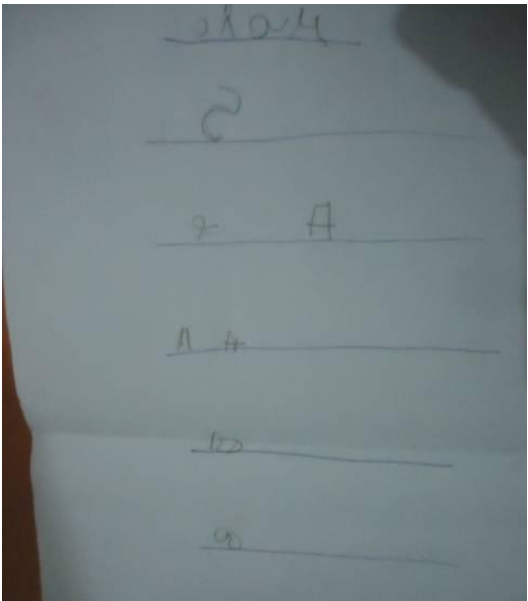
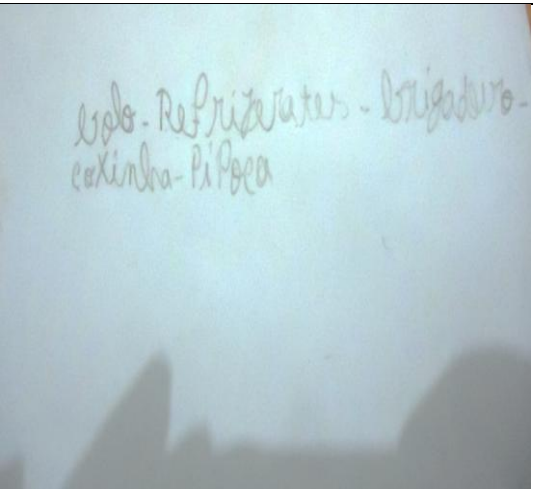
Embora as famílias afirmem ter uma boa relação com a escola, e a gestora afirma que os pais costumam ir à escola, ainda há muitos descompassos entre essas duas instituições, a escola diz que os pais vão à escola quando chamados escutam as reclamações, mas que não adianta nada, pois no outro dia a criança volta do mesmo jeito. Enquanto os pais dizem que a professora não tem pulso com as crianças. Tanto a escola quanto a família precisam focar a aprendizagem como principal problema a ser resolvido, precisam buscar meios para contribuir com o processo de ensino aprendizagem.

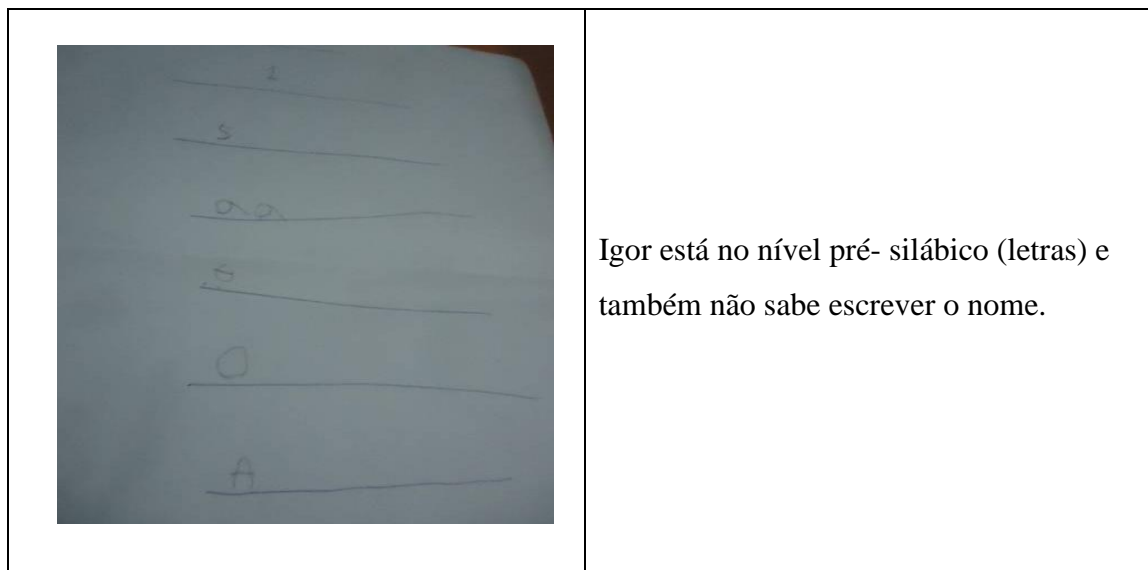
A aprendizagem pode ocorrer em casa por vários meios. Segundo Weiz (2006), os pais podem colaborar, por exemplo, por meio de leituras com os filhos, pois quem passa a primeira infância ouvindo leituras interessantes pode se apropriar, mais prontamente, da linguagem escrita (p. 29).

Assim segundo Emilia Ferreiro, a criança desde muito cedo já tem contato com vários tipos de textos, por isso cabe a família e a escola aproveitarem todas as possibilidades que a criança pode ter para aprender e para compreender.

Quanto aos alunos sujeitos da pesquisa, dois não dominam o processo de escrita e leitura e um aluno já domina muito bem. Constatamos isto quando fizemos um ditado de

cinco palavras para cada aluno e pedimos que escrevessem seus nomes primeiro. As palavras foram respectivamente, bolo, refrigerante, brigadeiro, coxinha e pipoca.

	<p>Pedro está no nível pré- silábico (letras), não sabe escrever o nome.</p>
	<p>Rafael está no nível silábico e escreve seu nome completo.</p>



Verificamos que Rafael já está alfabetizado e escreve e lê muito bem. O pai está sempre interessado na aprendizagem do filho e constantemente cobra da escola e do próprio filho, olha o caderno todos os dias, ajuda na tarefa de casa.

Pedro e Igor ainda não estão alfabetizados, escrevem algumas letras, mas não as reconhecem, as mães só vão à escola para reuniões pedagógicas ou quando são chamadas na escola para receber reclamações a respeito do comportamento dos meninos. Eles gostam muito de brincar, não fazem tarefa de classe e nem de casa

Através das observações que fizemos sobre essas três crianças em sala de aula e na escola, utilizando as falas das mães, professora e gestora foi constatado que tanto Pedro como Igor não adquiriram todas as habilidades e capacidades previstas inicialmente em sua fase, demonstra grande dificuldade na leitura e escrita e no comportamento e não realizam as atividades propostas, enquanto Rafael é um menino esperto e inteligente e realiza as atividades propostas sem nenhuma dificuldade, no entanto, as vezes, demonstra alguns problemas em relação ao comportamento.

5.3.1 - Indisciplina x Aprendizagem

A educação vive um momento difícil, vemos no dia a dia muitos professores e pais reclamando da indisciplina, tanto na escola quanto em casa acredita-se que esse comportamento pode interferir na aprendizagem. Podemos constatar em nossas entrevistas a preocupação dos pais e dos professores no que se refere à indisciplina, tanto que em nossa

pesquisa, um dos objetivos é investigar a parceria família e escola quanto à aprendizagem, pais e professores encaminhavam a conversa sempre para o tema da indisciplina, como se o mais importante no processo fosse isso. Apesar de a indisciplina atrapalhar e muito o processo de ensino aprendizagem, este não deveria ser o foco, como está acontecendo.

Vejamos a fala da gestora...

“A gente traz palestras sempre voltadas para o comportamento do aluno”
(Fala da gestora Célia).

Nas entrevistas começávamos a falar e a questionar sobre a aprendizagem, mas a conversa tomava o rumo da indisciplina, outra fala comprova este fato...

“O problema é a educação caseira, os alunos não respeitam os pais e não respeitam ninguém, o comportamento é péssimo e a gente não consegue dar aula”.
(Fala da professora Joanita).

As mães questionam que só são chamadas na escola para resolver questões sobre o comportamento dos filhos, mas elas mesmas também não questionam a gestão ou a professora quanto à aprendizagem dos filhos.

Bernard Lahire (1997) faz à seguinte crítica em relação a este tema:

O tema da omissão parental é um mito. Esse mito é produzido pelos professores, que, ignorando as lógicas de configurações familiares, deduzem, a partir dos comportamentos e dos desempenhos escolares dos alunos, que os pais não se incomodam com os filhos, deixando-os fazer as coisas sem intervir (p. 334).

Como cita o autor, os professores deduzem que esta seja a atitude dos pais, mas não se pode generalizar, são vários os motivos que podem levar o aluno ao fracasso escolar, embora muitos pais, principalmente os pertencentes à classe economicamente e culturalmente desfavorecida enfrentam dificuldades para acompanhar seus filhos em sua vida escolar, muitos pais se esforçam e conseguem participar ativamente da vida escolar dos filhos, portanto, nem a escola e nem a família podem trabalhar sozinhas e nem uma é mais importante que a outra, pois ambas se completam e tem a sua importância, de forma que uma não pode e nem deve substituir a outra.

6. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A partir dos dados apresentados na pesquisa, verificamos que a participação dos pais na vida escolar dos filhos é muito importante e pode ser de várias maneiras, alguns se envolvem mais do que outros, como o senhor José, pai de Rafael, que independente de ser chamado ou não, está sempre em contato com a escola e está sempre preocupado com a aprendizagem do filho, por isso faz questão de cobrar da escola e dos professores um melhor desempenho e também os alunos Pedro e Igor com baixo rendimento são menos acompanhados pelos pais, mas mesmo assim ainda há participação da família de Pedro no que diz respeito à preocupação da sua mãe pelo fato do filho não ter aprendido nada na escola, como ela cita em uma de suas falas, mostra seu esforço, colocando o filho no reforço, à mãe de Igor também demonstrou preocupação pelo fato do filho não ter aprendido nada durante o ano letivo, porém a principal preocupação das duas mães é com relação ao comportamento dos filhos, sendo o motivo pelo qual elas são chamadas na escola com frequência.

Quando analisamos as respostas da professora e da gestora, percebemos que na opinião delas com relação à participação e o acompanhamento dos pais na vida escolar dos alunos há uma ausência de comprometimento de alguns pais, e essa ausência exerce grande influencia no rendimento dos alunos, mas a grande preocupação é em relação à indisciplina segundo elas em seus depoimentos, esta é a causa principal do atraso dos alunos com relação à aprendizagem.

Os pais, de modo geral, disseram que estão insatisfeitos com o rendimento dos filhos porque o ano letivo de 2014 foi muito conturbado com a troca de professores o que causou muitos transtornos e como também para escola, devido a problemas administrativos com o município. Percebemos que a participação dos pais existe nessa escola, embora alguns pais participem mais do que outros. Em muitas vezes, a postura de alguns professores quanto à participação pode ser vista como incomodo, como no caso do pai de Rafael, em que em uma de suas falas, a professora diz que ele não sai da escola.

Portanto, sabemos que não é nada fácil manter uma parceria escola/família, mas é importante ressaltar a necessidade da participação dela no âmbito escolar, pois desse modo faz com que a criança se sinta valorizada, quando vê a participação de seus pais em sua vida educacional, contribuindo com o processo de aprendizagem. Abordar o tema incluindo todos que participam da relação escola e família, partindo do papel que cada um deve desempenhar é buscar reflexões acerca dos problemas cotidianos que as duas instituições enfrentam é uma

maneira viável e prática de encontrar respostas que possam colaborar para que escola e família possam caminhar juntas no processo de formação do indivíduo.

7. REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** . Coleção 20 primeiros passos, edição 43. Editora brasiliense, 2003.

BRASIL, **Estatuto da criança e do adolescente – ECA**. Brasília: Distrito Federal: Senado, 1990.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996 .

CHRAIM, Albertina de Mattos. **Família e escola: A arte de aprender para ensinar**. Rio de Janeiro: Ed. Wak. 2009.

FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre Alfabetização**. Edição 12. Ed. Cortez.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** ED. 11 Rio de Janeiro. 1999.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso escolar nos meios populares – As razões do improvável**. São Paulo: Ática, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática - Velhos e novos temas**. Edição do autor, Maio, 2002, pág. 40.

MINAYO, Maria Cristina de Souza. (org.) **Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade**. Ed. Vozes, 2011, p. 70.

PARO, V.H. **Qualidade do Ensino: A contribuição dos pais**. São Paulo: Xamã, 2000.

PAROLIN, Isabel. (2012). **A fronteira entre a escola e a família: conhecimentos e aproximações possíveis. Dados** – Revista Aprendizagem. Família e escola na educação. Ano 6, nº 33, p. 18 – 19. Ed. Melo, 2012.

ROMANELLI Geraldo; NOGUEIRA, MARIA Alice; ZAGO, Nadir. **Família & Escola**. Petrópolis RJ: Ed. Vozes, 2013.

SILVA, Ana Claudia dos Santos. (2012). **Família e Escola: uma relação afetuosa no ensino – aprendizagem**. Livro – Psicopedagogia: vivencias e possibilidades educacionais/ Zélia Menezes (Org.). Vol. 1, p. 11 – 15. Recife: Ed. Libertas, 2012.

SOARES, Magda. **Linguagem e Escola: uma perspectiva social**. Série fundamentos, São Paulo: Contexto, 2003.

WEIZ, Telma. **“Alfabetização nunca termina”**. In: Revista Nova Escola. São Paulo, p. 29, mar. 2006.